

BACCALAURÉAT GÉNÉRAL

ÉPREUVE D'ENSEIGNEMENT DE SPÉCIALITÉ

SESSION 2021

LANGUES, LITTÉRATURES ET CULTURES ÉTRANGÈRES ET RÉGIONALES

PORTUGAIS

Durée de l'épreuve : **3 heures 30**

L'usage du dictionnaire unilingue non encyclopédique est autorisé.

La calculatrice n'est pas autorisée.

Dès que ce sujet vous est remis, assurez-vous qu'il est complet.

Ce sujet comporte 10 pages numérotées de 1/10 à 10/10.

**Le candidat traite au choix le sujet 1 ou le sujet 2.
Il précisera sur la copie le numéro du sujet choisi**

Répartition des points

| | |
|------------------------------------|-----------|
| Synthèse | 16 points |
| Traduction ou transposition | 4 points |

SUJET 1

Thématique : « Représentations culturelles : entre imaginaires et réalités »

Axe 3 : Le réel ; représentations et distorsions

1) Synthèse en portugais (16 points sur 20)

Après avoir pris connaissance des 3 documents qui composent ce dossier, vous rédigerez en portugais une synthèse (environ 500 mots) en prenant appui sur les consignes suivantes :

- Analise a importância do sonho e da imaginação na transformação do real, nos 3 documentos.

2) Traduction en français (4 points sur 20)

Traduisez en français l'extrait suivant du document 3 :

Baltasar entrou logo atrás do padre, curioso, olhou em redor sem compreender o que via, Então é isto, e o Padre Bartolomeu Lourenço respondeu, Há-de-ser isto, e, abrindo uma arca, tirou um papel que desenrolou, onde se via o desenho de uma ave, a passarola seria, isso era Baltasar capaz de reconhecer, e porque à vista era o desenho um pássaro, acreditou que todos aqueles materiais, juntos e ordenados nos lugares competentes, seriam capazes de voar.

DOCUMENT 1 :

Pedra Filosofal

Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
5 como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
10 que em verde e oiro se agitam,
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho
é vinho, é espuma, é fermento,
15 bichinho álaque¹ e sedento,
de focinho pontiagudo,
que fossa através de tudo
no perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho
20 é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,
contraponto, sinfonia,
25 máscara grega, magia,
que é retorta² de alquimista,

¹ álaque: muito alegre

² a retorta: *le récipient utilisé en chimie pour la distillation*

mapa do mundo distante,
rosa dos ventos, Infante,
caravela quinhentista,
30 que é cabo da Boa Esperança,
ouro, canela, marfim,
florete³ de espadachim,
bastidor, passo de dança
Colombina e Arlequim,
35 passarola voadora,
pára-raios, locomotiva,
barco de proa festiva,
alto-forno, geradora,
cisão do átomo, radar,
40 ultra-som, televisão,
desembarque em foguetão
na superfície lunar.

Eles não sabem nem sonham,
que o sonho comanda a vida,
45 e que sempre que o homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos duma criança.

António GEDEÃO, *Movimento Perpétuo*, 1956

³ o florete: a espada

DOCUMENT 2 :

A PASSAROLA

Baltasar entrou logo atrás do padre, curioso, olhou em redor sem compreender o que via, talvez esperasse um balão, umas asas de pardal em maior, um saco de penas, e não teve mão que não duvidasse, Então é isto, e o Padre Bartolomeu Lourenço respondeu, Há-de-ser isto, e, abrindo uma arca, tirou um papel que desenrolou, onde se via o desenho de uma ave, a passarola seria, isso era Baltasar capaz de reconhecer, e porque à vista era o desenho um pássaro, acreditou que todos aqueles materiais, juntos e ordenados nos lugares competentes, seriam capazes de voar. Mais para si próprio do que para Sete-Sóis, que do desenho não via mais que a semelhança da ave, e ela lhe bastava, o padre explicou, em tom primeiramente sereno, depois animando-se, Isto que aqui vêes são as velas que servem para cortar o vento e que se movem segundo as necessidades, e aqui é o leme¹ com que se dirigirá a barca, não ao acaso, mas por mão e ciência do piloto, e este é o corpo do navio dos ares, à proa e à popa em forma de concha marinha, onde se dispoem os tubos do fole para o caso de faltar o vento, como tantas vezes sucede no mar, e estas são as asas, sem elas como se haveria de equilibrar a barca voadora, e destas esferas não te falarei, que são segredo meu, bastará que te diga que sem o que elas levarão dentro não voará a barca, mas sobre este ponto ainda não estou seguro, e neste tecto de arames penduraremos umas bolas de âmbar, porque o âmbar responde muito bem ao calor dos raios do sol para o efeito que quero, e isto é a bússola, sem ela não se vai a parte alguma, e isto são roldanas², servem para largar ou recolher as velas, como nos navios do mar. Calou-se alguns momentos e acrescentou, E quando tudo estiver armado e concordante entre si, voarei.

José SARAMAGO, *Memorial do Convento*, 1982

¹ o leme: *le gouvernail*

² a roldana: *la poulie*

SUJET 2

Thématique : « Aires lusophones, enjeux, perspectives et création ».

Axe d'étude 2 : Des territoires divers, un langage commun.

1) Synthèse en portugais (16 points sur 20)

Après avoir pris connaissance des 3 documents qui composent ce dossier, vous rédigerez en portugais une synthèse (environ 500 mots) en prenant appui sur les consignes suivantes :

- Identifique o tema comum aos 3 documentos.
- Mostre a valorização da língua portuguesa nos documentos 1 e 3.
- Analise a forma como os 3 documentos evocam a questão da identidade lusófona.

2) Traduction en français (4 points sur 20)

Traduisez en français le texte suivant, extrait du document 3 :

Corri quilómetros à procura do autocarro. Finalmente, já desesperado, fui ter com um polícia e expliquei-lhe o que tinha acontecido. Ele olhou-me desconfiado e pediu para ver o passaporte.

– Português? – O homem lançou-se nos meus braços. – Eu também sou português. [...]

Naquele entardecer, na fronteira entre Singapura e a Malásia, ele foi comigo, de autocarro em autocarro, até que um dos motoristas me reconheceu. O polícia confiou-me a ele. [...]

Não sei se chorei. Não me lembro. Talvez tenha chorado.

DOCUMENT 1 :

PORTUGAL, MEU AVOZINHO

Como foi que temperaste,
Portugal, meu avozinho,
Esse gosto misturado
De saudade e de carinho?

5 Esse gosto misturado
De pele branca e trigueira¹,
– Gosto de África e de Europa,
Que é o da gente brasileira?

10 Gosto de samba e de fado,
Portugal, meu avozinho.
Ai, Portugal, que ensinaste
Ao Brasil o teu carinho!

15 Tu de um lado, e do outro lado
Nós... No meio o mar profundo...
Mas, por mais fundo que seja,
Somos os dois um só mundo.

20 Grande mundo de ternura,
Feito de três continentes...
Ai, mundo de Portugal,
Gente mãe de tantas gentes!

Ai Portugal de Camões,
Do bom trigo e do bom vinho,
Que nos deste, ai avozinho,
Esse gosto misturado
25 Que é saudade e que é carinho!

Manuel BANDEIRA, (1886-1968)

¹ trigueira: morena

DOCUMENT 2 :



The poster features a green and red color scheme. On the left, there is a stylized portrait of a woman's face. In the center, a yellow silhouette of a person in a traditional dance pose is set against a large, intricate white mandala. The background includes a faint image of a toucan bird. At the top, logos for 'CONEXÃO LUSÓFONA', 'UCCLA', and 'LISBOA CÂMARA MUNICIPAL' are displayed. The main title 'Festival da Lusofonia de Lisboa' is written in large, bold, green letters with a yellow drop shadow. Below it, the dates '20 - 25 Maio' are in white on a yellow background. A list of activities is shown in white text: 'Arte', 'Dança', 'Música', 'Literatura', 'Gastronomia', and 'Conferência Cidadania Lusófona'. At the bottom, the website 'www.cm-lisboa.pt' is provided.

CONEXÃO LUSÓFONA

UCCLA

UNIAO DAS CIDADES CAPITAIS DE LINGUA PORTUGUESA

LISBOA CÂMARA MUNICIPAL

Festival da Lusofonia de Lisboa

20 - 25 Maio

Arte
Dança
Música
Literatura
Gastronomia
Conferência
Cidadania Lusófona

Consulte a programação em: www.cm-lisboa.pt

DESIGN | DMG | CML | ABRIL 2015

<http://www.cm-lisboa.pt>, [page consultée le 26 octobre 2020]

DOCUMENT 3 :

A NOSSA PÁTRIA MALÁSIA

Quanto a mim, descobri-me cidadão desta nossa língua – vasto território de afetos, valores e memórias –, ao cair de uma tarde já distante, na fronteira entre Singapura e a Malásia. Lembro-me que era uma sexta-feira porque a estrada estava cheia de autocarros. O motorista explicou-me, num inglês tumultuado, que às sextas-feiras os malaios imigrados em Singapura, onde ganham quatro vezes mais, regressam à pátria para passar o fim-de-semana com a família. Aos gritos, sempre aos gritos, mostrou-me a fila compacta de autocarros, e depois a desordem da feira dentro do nosso próprio veículo, e a multidão, ao longo da estrada, carregando às costas a opulência de Singapura.

Atordoado pelo calor, o alarido¹, a estupenda fragrância que se desprendia de um cesto com mangas, mesmo atrás de mim, não percebi que já tínhamos chegado à fronteira. O motorista sacudiu-me do torpor gritando instruções em malaio, e a seguir em inglês, mas ao princípio não percebi a diferença. Compreendi, finalmente, quando os outros passageiros começaram a sair, que também eu devia saltar do autocarro, com os meus documentos, e passar a fronteira a pé. Não havia fila no portão destinado aos estrangeiros. O guarda lançou um olhar distraído para a minha fotografia, sorriu, e carimbou² o passaporte. Agradei, guardei-o no bolso, e dirigi-me para um bloco de pequenos restaurantes improvisados, disposto a comprar qualquer coisa para comer antes de reentrar no autocarro.

O autocarro? Deus, onde estava o autocarro?!

Eram centenas ali e na escuridão todos me pareciam iguais. Tentei lembrar-me do rosto do meu vizinho. Tentei lembrar-me de algum outro passageiro. Todos me pareciam iguais. Sentei-me numa mesa ao ar livre, num dos restaurantes, e só então me dei conta, assustado, quase em pânico, de que estava sem dinheiro. Comigo tinha apenas o passaporte, de cidadão português, e um bloco de apontamentos. Deixara a carteira no autocarro, dentro da mochila, junto com os restantes documentos. Por instantes, imaginei o meu destino: ficaria ali, naquele fim do mundo, mendigando umas moedas aos viajantes para comer um pratinho de arroz.

Corri quilómetros à procura do autocarro. Finalmente, já desesperado, fui ter com um polícia e expliquei-lhe o que tinha acontecido. Ele olhou-me desconfiado e pediu para ver o passaporte.

– Português? – O homem lançou-se nos meus braços. – Eu também sou português.

Também não era: natural de Malaca, cidade famosa pela sua população de remotíssima origem portuguesa, falava uma língua de fantasia, que ao princípio me pareceu crioulo de Cabo Verde, e depois me recordou velhos textos setecentistas. [...]

Naquele entardecer, na fronteira entre Singapura e a Malásia, ele foi comigo, de autocarro em autocarro, até que um dos motoristas me reconheceu. O polícia confiou-me a ele num discurso expansivo, inflamado, que eu julgo ter compreendido, mesmo sem entender uma única palavra. Por fim, voltou-se para mim e apertou-me a mão.

Não sei se chorei. Não me lembro. Talvez tenha chorado.

José Eduardo AGUALUSA, *A Substância do Amor e Outras Crónicas*, 2000

¹ o alarido: *le bruit*

² carimbar: *tamponner*